



Uso de substâncias psicoativas em situação de vulnerabilidade social: uma perspectiva analítico-comportamental

Use of psychoactive substances in situations of social vulnerability: a behavioral-analytic perspective

Maria Vitória Vasconcelos

Faculdade Princesa do Oeste, ORCID: 0000-0002-9564-8488,

vitoria.vasconcelos1704@gmail.com

Resumo

Os estudos baseados na filosofia do Behaviorismo Radical concebem o comportamento humano como produto das relações de interação entre organismo e ambiente, tendo seu comportamento controlado pelas consequências, assim como pelos estímulos antecedentes. O presente artigo se debruça a analisar, a partir da perspectiva analítico-comportamental, como os aspectos fisiológicos, ontogenéticos e culturais podem tornar prováveis ou não prováveis o processo de dependência química. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica do tipo conceitual, com o intuito de verificar as publicações sobre a análise do comportamento e dependência química. A partir da análise, concluiu-se que através dos estudos da Análise do Comportamento é possível entender que a dependência química não é apenas pelas substâncias químicas, outras razões estão envolvidas nesse comportamento. Além disso, apresenta-se considerações no que diz respeito ao método em manejo de contingências, tendo em conta as realidades de condições de acesso ao método nos contextos vulneráveis.

Palavras-chaves: Substâncias Psicoativas; Vulnerabilidade Social; Análise do Comportamento.

Abstract

Studies based on the philosophy of Radical Behaviorism conceive human behavior as a product of interaction relationships between organism and environment, with behavior controlled by consequences, as well as antecedent stimuli. This article focuses on analyzing, from a behavioral-analytic perspective, how physiological, ontogenetic and cultural aspects can make the process of chemical dependence probable or not. This is a conceptual bibliographical review study, with the aim of verifying publications on the analysis of behavior and chemical dependency. From the analysis, it was concluded that through Behavior Analysis studies it is possible to understand that chemical dependence is not just due to chemical substances, other reasons are involved in this behavior. Furthermore, considerations are presented regarding the method in contingency management, taking into account the realities of access conditions to the method in vulnerable contexts..

Keywords: Psychoactive Substances; Social vulnerability; Behavior Analysis.



1 Introdução

Sabemos que os estudos na área da psicologia demonstram dificuldades em estabelecer seus objetos de estudos em uma forma única, visto que neste mesmo espaço diversos conceitos e teorias são traçados para fazer ciência e entender o comportamento humano. Dentre essas teorias, o Behaviorismo Radical, que é a filosofia que sustenta os princípios da análise do comportamento, apresenta definições relevantes para explicar esse comportamento (LEÃO e LAURENTI, 2009).

Segundo Baum (2006), as pesquisas fundamentadas no Behaviorismo Radical entendem, de modo geral, o comportamento humano a partir das relações entre o contexto, ação e consequência; e o que tornará provável aquele repertório comportamental é exatamente as consequências dessa ação, sendo modelados por meio das contingências de reforços ou punições. Para compreender esse processo que constrói o repertório comportamental é essencial identificar as relações de estímulos que antecedem as ações e consequências que reforçam as respostas. Através do modelo de análise funcional Meyer (2004), que consiste em considerar que cada comportamento possui uma função dentro do repertório do indivíduo, e que são selecionados por suas consequências, é possível observar as ligações de dependência entre o ambiente e organismo.

Haja vista a importância de considerar as condições e histórias dos indivíduos, Benvenuti (2004) conceitua alguns fatores propícios à dependência de substâncias químicas. Dentre esses fatores, encontram-se os ontogenéticos e culturais, que, em alguns momentos, estão ligados às vulnerabilidades, além de estarem relacionados, por vezes, à falta de oportunidades, restringindo a formação de outros reforçadores.

No que se refere às substâncias psicoativas e drogas é importante destacar algumas diferenças. Ainda que os dois termos apresentem semelhanças, as substâncias psicoativas podem ser caracterizadas quando os efeitos geram modificações nas funções fisiológicas, afetando as atividades do Sistema Nervoso Central (SNC); alterando os comportamentos do indivíduo, agindo com especificidades reforçadoras e produzindo



sensações de prazeres rapidamente; faz-se necessário levar em consideração o grupo em que as substâncias estão inseridas, sendo classificadas como depressoras, estimulantes e perturbadoras. Por outro lado, as drogas são classificadas do ponto de vista legal como lícitas e ilícitas. Além desses efeitos, as drogas podem avançar para um quadro de dependência, sendo vistas socialmente como “ruins” e que causam malefícios para quem consome (MALBERGIER e AMARAL, 2013). Todavia, importante salientar que nem todo uso de drogas é um problema e que nem todos os usuários progridem para quadro de dependência.

Nestas circunstâncias, percebe-se que o avanço de uso, abuso e dependência química podem estar ligados às contingências em que o indivíduo está exposto, principalmente a outros fatores ambientais. Buscando explicar o processo de redução do uso de entorpecentes, a análise do comportamento apresenta algumas técnicas de exposição e enfrentamento, dentre essas, está o Manejo de Contingência (MC). Segundo Miguel (2011) compreende-se manejo de contingência por um método terapêutico baseado nos princípios do condicionamento operante de B.F. Skinner, com objetivo de desenvolver novas circunstâncias ambientais que sejam concorrentes e não vinculadas ao uso de entorpecentes.

A partir disso, busca-se neste artigo, com base nos conceitos que regem a Análise do Comportamento, compreender como os estímulos existentes no contexto podem vir a serem prováveis ou não prováveis para o comportamento de uso, abuso e dependência química.

2 Metodologia

Para a elaboração deste artigo, utilizou-se a estratégia de revisão bibliográfica do tipo conceitual. Buscou-se verificar publicações em Análise do Comportamento a respeito da dependência química. Como método de pesquisa adotou-se o modo conceitual, que propõe recorrer aos conteúdos e definições já existentes de outros autores, equivalentes com o objetivo aqui apresentado (GIL, 2010).

Como referência complementar e com o intuito de conhecer melhor a



temática, ouviu-se o episódio do podcast ACearáCAST intitulado “Dependência Química” e assistiu-se à palestra “Dependência Química e manejo de contingências”, do Boteco Behaviorista. Como leituras de base sobre a temática, utilizou-se estes capítulos de livros: “Teoria Comportamental” (BANACO, 2013); “Condicionamento respondente: algumas implicações para o desenvolvimento de tolerância, síndrome de abstinência e overdose” (BENVENUTI, 2004); “Uso de drogas, recaídas e o papel do condicionamento respondente: possibilidades do trabalho do psicólogo em ambiente natural” (BENVENUTI, 2007); “Manejo de Contingência” (MIGUEL, 2011); e, “Manejo de contingências” (HIGGINS, 2020).

Em um segundo momento, realizou-se pesquisas em bases de dados utilizando o Scielo, LILACS e Google Acadêmico. Como descritores as seguintes palavras-chave: análise do comportamento e dependência química; análise do comportamento e substâncias psicoativas; e, análise do comportamento, dependência química e vulnerabilidade social. Para os critérios foi usado – Critérios de exclusão: artigos e capítulos de livros em inglês; teses e dissertações; e Critérios de inclusão: artigos e capítulos publicados em português; que apresentem como conteúdo os mesmos objetivos dispostos neste artigo. Sendo estes artigos publicados entre os anos de 2010-2020.

3 Resultados e Discussão

Ao final deste levantamento preliminar, obteve-se os seguintes resultados: Scielo 14 artigos como resultados, desses 2 contemplava apenas a palavra substâncias psicoativas, 3 artigos em outra língua e 9 artigos não classificados pelos critérios de exclusão; LILAC: 54 artigos, desses 19 apresentavam em seu título semelhança com os descritores; 7 teses e 3 artigos em outra língua; Google Acadêmico: 4 artigos. Dos documentos encontrados, foram utilizados apenas 2 artigos da base de dados Google Acadêmico, pois contemplavam o objetivo da pesquisa. Vale ressaltar que entre o total dos achados citados, haviam teses, artigos publicados em outra língua e os artigos que não contemplavam o objetivo da pesquisa, com isso, após o processo de filtragem foram excluídos 70 artigos.



Em suma, observa-se que há muitas publicações com os descritores vulnerabilidade social e uso de substâncias psicoativas. No entanto, há poucas publicações disponíveis em português quando relacionada com temáticas sobre a dependência química a partir da perspectiva da Análise do Comportamento. Desta ausência de literatura científica, advém, também, a importância deste artigo.

Nota-se uma necessidade cada vez maior em explicar questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas e os processos que envolvem o percurso da dependência química. Atentando-se a isso, apresenta-se a seguir pontos consideráveis para compreensão, relacionados aos fatores fisiológicos e variações ambientais, assim como uma possível eficácia de redução do uso por meio da técnica Manejo de Contingências.

3.1 Comportamento Respondente e Comportamento Operante

Baseando-se na perspectiva dos três níveis de seleção para explicar a ocorrência do comportamento, Moreira e Medeiros (2019) apresentam: nível filogênese, evolução da espécie, relacionados também aos comportamentos de reflexos inatos; nível ontogênese, refere-se às experiências vividas e capacidade de aprender novos reflexos através do condicionamento respondente; e, nível cultural, ambiente social, exercendo funções reforçadoras e punitivas.

Sabe-se que, basicamente, toda espécie de mamíferos apresenta em seu processo de evolução comportamentos de muita importância para a sobrevivência, como: piscar os olhos, respirar, salivar etc. Na análise do comportamento nomeia-se reflexos inatos ou incondicionados, pois é uma relação que ocorre por meio de um estímulo antecedente, pelo qual se elicia uma resposta, não havendo a necessidade de um processo de aprendizado.

Por conta das modificações no ambiente, os organismos são capazes de produzir novos reflexos, reagindo de diferentes formas aos novos estímulos. Os estudos com relação a um novo reflexo tiveram força com o fisiologista Ivan Pavlov, podendo observar como outros estímulos que antes não eliciavam, estavam eliciando a resposta de salivar no cão, melhor dizendo, o cão aprendeu um novo reflexo. Chamam-se reflexos



condicionados, pois houve o emparelhamento a partir de um estímulo já existente (MOREIRA e MEDEIROS, 2019).

Em se tratando do comportamento operante, o organismo produz mudanças no ambiente, no qual emite uma resposta e está ligado diretamente com as relações de aprendizado de novas habilidades mantidas em função de suas consequências. É por meio dessas consequências que ocorre a probabilidade de o evento vir a acontecer novamente, aí qual dá-se o nome de reforço (MOREIRA e MEDEIROS, 2019). Levando em consideração o ponto já exposto sobre reforçamentos, compreende-se que esses processos que compõe a aprendizagem são mantidos por dois fatores de extrema importância, sendo: reforço positivo e reforço negativo, que estão respectivamente relacionados adição de um estímulo do ambiente; e, retirada de um estímulo do ambiente, ligado aos comportamentos de fuga e esquiva (MOREIRA e MEDEIROS, 2019).

Vale enfatizar que não apenas as consequências têm controle sobre os novos comportamentos, mas o contexto no qual a ação ocorre também influenciam na ocorrência futura dessas ações. Desse modo, Moreira e Medeiros (2019) conceitua essa situação por controle de estímulos, referindo-se à atuação dos estímulos antecedentes na emissão de novos eventos comportamentais. Levando em consideração que as respostas não são reforçadas sempre que emitidas e que determinados comportamentos irão ocorrer apenas em uma determinada situação.

3.2. Comportamento de autoadministração de substâncias psicoativas

Através do condicionamento respondente é possível explicar os sentimentos que envolvem as sensações de prazer ao ingerir a droga. É diante desse tipo de condicionamento que as respostas antes eliciadas como de sobrevivência e tidas como incondicionadas, passam a adquirir propriedades de estímulos condicionados a partir dos aspectos ambientais. Isso ocorre porque em situações semelhantes à de consumir as substâncias, mesmo não as ingerindo, o organismo produzirá respostas que viriam após a ingestão (BANACO, 2013).

A partir das especificidades envolvidas no condicionamento respondente é



possível assimilar os episódios de tolerância, síndrome de abstinência e overdose. Partindo do pressuposto que o indivíduo consome frequentemente a substância, tendo seus efeitos diminuídos a cada aplicação, quantidades cada vez maiores serão necessárias para obter efeitos semelhantes aos alcançados nas respostas iniciais, esse aumento chamamos de tolerância. Já a síndrome de abstinência ocorre com a suspensão do uso de drogas, em que algumas respostas desagradáveis são eliciadas como, sudorese, taquicardia, dispneia, insônia etc., que tem como finalidade preparar o organismo para receber a droga quando expostos continuamente aos estímulos condicionados. Duas situações contribuem para a retomada do consumo, sendo elas: evitar sentir esses efeitos aversivos, logo o sujeito fará a ingestão da substância; e, diante do desequilíbrio fisiológico desencadeado pela experiência de consumo, o indivíduo consumirá com o intuito de restabelecer o equilíbrio (BENVENUTI, 2004).

A apresentação dos comportamentos da síndrome de abstinência pode ser entendida como sendo as respostas condicionadas eliciadas diante dos estímulos condicionados da ingestão da substância (BENVENUTI, 2004). Desse modo, todo o processo que compõe a busca de consumir as substâncias lícitas ou ilícitas com a intenção de eliminar os efeitos desagradáveis da síndrome de abstinência, denominando-se fissura ou craving. Além do já exposto sobre tolerância e síndrome de abstinência, os comportamentos respondentes também explicam o que se conhece por overdose. Em Benvenuti (2004) o que especifica a overdose não é a ingestão de uma quantidade exacerbada de drogas, mas sim consumi-las em um ambiente inabitual, na ausência dos estímulos condicionados, tornando os efeitos das respostas compensatórias elevados e fortes, levando o organismo ao extremo.

Ademais, entendendo que o desenvolvimento do condicionamento respondente e operante sucedem simultaneamente (BORLOTI; HAYDU e MACHADO, 2015) é importante considerar os eventos ambientais que possibilitam que o comportamento aconteça outras vezes. Lembrando que reforço é a probabilidade aumentada de uma ação acontecer novamente (MOREIRA e MEDEIROS, 2019). Dito isso, a maneira de consumir entorpecentes pode ser entendida das seguintes formas: reforçador positivo, quando o sujeito alcança efeitos agradáveis (ex.: alta confiança, euforia, diminuição da timidez etc.); e reforçador negativo, o indivíduo consome a



substância para fugir ou esquivar-se de situações desagradáveis (ex.: conflitos familiares, aliviar tristezas etc.). À vista disso, presume-se, então, que o ato de usar drogas é mantido tanto por reforçamento positivo quanto negativo: a ação se dá em maior parte sob as sensações de prazer logo após o uso e sob a função de outros fatores, como por exemplo, produzir formas de se socializar com outras pessoas, momentos de entusiasmos, sensações prazerosas imediatas etc. e, privação de lazer, dificuldades de acesso a renda, alimentação etc., que podem ser caracterizados, respectivamente, como exemplos de reforçadores positivos e negativos.

Para melhor compreender os reforçadores, Benvenuti (2004) salienta que é necessário considerar as experiências de cada sujeito, as contingências entre os estímulos e respostas condicionadas presentes para o uso, abuso e dependência. Visto que muitos dos reforçadores têm por presença outros indivíduos, lugares, situações semelhantes etc. Considerando que os organismos estão expostos às diversas variáveis ambientais que condicionam os repertórios, é primordial conhecer as relações reforçadoras que possam vir a explicar as causas do uso, abuso e dependência de entorpecentes. Sendo assim, para entender o repertório comportamental é preciso partir do pressuposto da análise funcional, observando as circunstâncias e o que mantém a permanência das ações. Afinal, determinados comportamentos somente existem diante de um contexto, topografia e função.

3.3. Manejo de Contingências

A técnica de manejo de contingências (MC) busca apresentar para o indivíduo formas de desenvolver outras atividades reforçadoras que sejam concorrentes e não vinculadas ao ato de consumir substâncias. Tenciona eliminar os comportamentos de ingerir sem fugir do processo de abstinência, por intermédio dos reforçadores naturais e arbitrários (MIGUEL, 2011).

Segundo Miguel (2011), a técnica terapêutica do manejo de contingências visa promover uma redução do uso de substâncias psicoativas. Fundamentadas a partir dos conceitos que regem o condicionamento operante, isso porque o comportamento de



consumir entorpecentes é mantido e controlado pelas consequências, tais como satisfação, diminuição da timidez, relaxamento, extinguir os efeitos da síndrome de abstinência etc. Compreendendo que a ação de ingerir drogas é em maior parte sob função de outros fatores, principalmente os ligados às variáveis ambientais, o indivíduo tende a elevar o consumo, buscando priorizar reforçadores relacionados aos efeitos das drogas. Isso, que fique claro, não significa dizer que os componentes respondentes envolvidos não sejam relevantes neste processo.

Como exposto anteriormente, os métodos em MC utilizam dos reforçadores naturais e arbitrários para desenvolver as novas contingências que eliminem gradativamente o comportamento de consumir drogas psicoativas. Em se tratando dos naturais, Miguel (2011) cita uma sequência de reforçadores viáveis, por exemplo: práticas de lazeres, esportes e demais atividades que sejam do agrado do cliente, podendo incluir na execução da ação os amigos, familiares; visando fazer com que os novos comportamentos prorroguem mesmo após o fim do tratamento, afinal, o indivíduo retornará sempre para seu ambiente.

Por outro lado, as intervenções do MC envolvem basicamente um maior número de reforçadores arbitrários, já que boa parte dos comportamentos sociais são em decorrência de ações arbitrárias. Para apresentar a eficácia da técnica do tratamento por MC, as pesquisas iniciais, descritas a seguir, foram desenvolvidas através de dois modelos do manejo de contingências, a saber, o que é baseado em fichas e o que se baseia em prêmios, por mostrarem maiores evidências. Assim, como forma de obter resultados confiáveis, utiliza-se análises de urina para monitorar o nível de resíduo da substância do indivíduo, buscando verificar as respostas vistas como desejáveis (HIGGINS, 2020).

Essa intervenção utilizando o modelo de manejo de contingência baseado em fichas foi aplicada inicialmente em usuários de cocaína. Trata-se de oferecer valores, não em dinheiro, caso as análises da urina fossem negativas ou cumprissem as metas estipuladas no processo de tratamento. O valor preliminar consistia em R\$2,50, com o propósito de incentivar a abstinência continuada, cada exame realizado e com o resultado negativo era acrescentado um valor de R\$ 1,25, ganhando bônus de R\$ 10,00 a cada três exames sucessivos negativados, podendo ao final da intervenção trocar os valores



acumulados por objetos comunitários. Todavia, caso o indivíduo não comparecesse para realizar a análise de urina ou, que o resultado fosse positivo para o consumo, o valor das fichas retornaria para o inicial como meio de punição (MIGUEL, 2011).

Por outro lado, o modelo de manejo de contingências baseado em prêmios, diferentemente das fichas, oferecia ao sujeito a oportunidade de retirar um bilhete que havia algumas recompensas, como: frases motivacionais, roupas, comidas etc. Estes bilhetes eram organizados em: 50% não tinham valores econômicos, apenas mensagens motivacionais; 42% tinham prêmios de baixa magnitude, com valor próximo a R\$ 1,00; 8% tinham prêmios de alta magnitude, valendo aproximadamente R\$ 20,00; e os que tinham prêmios de altíssima magnitude, chegavam a custar R\$ 100,00. A quantidade de vezes que os bilhetes poderia ser retirados estavam ligados aos resultados negativos da análise da urina, isto é, quanto mais exames consecutivos negativados fossem apresentados, mais oportunidades de saque dos bilhetes (MIGUEL, 2011).

O modelo do manejo de contingências (dividido em duas vertentes: por fichas e por prêmios) deve ser aplicados logo após a emissão de comportamentos adequados, buscando a permanência do indivíduo no tratamento, sem se ausentar na abstinência. Bom registrar que o MC baseado em fichas foi adotado, inicialmente, nos EUA, em tratamentos de pessoas diagnosticadas com esquizofrenia, isto é, quando os indivíduos apresentavam comportamentos tidos como adaptativos, sem alucinações ou delírios, eles ganhavam essas fichas como recompensa (MARTONE e ZAMIGNANI, 2002).

Em contrapartida, mesmo apresentando eficácia em seu método, diversos impasses são encontrados para aplicação dessa técnica terapêutica MC. Dentre estes, pode-se destacar a falta de informações básicas, a carência em recursos que possam ser utilizados como investimentos, assim como a não confiabilidade de alguns profissionais e serviços em adequar o tratamento por MC (MIGUEL, 2011). Pensando em caminhos que levam à eficácia do tratamento por manejo de contingências, Higgins et al (2020) ressaltam a importância de destacarmos a necessidade de algumas características para o desenvolvimento da intervenção. Considerando que esse método não ocorre de forma isolada, é fundamental identificar as contingências e explicar para o cliente detalhadamente o percurso terapêutico, bem como selecionar um comportamento-alvo



por vez; após, recomenda-se analisar quais os recursos serão utilizados para verificação das respostas; escolher reforçadores fortes para concorrer com ação de consumir drogas psicoativas, buscando reforçar em seguida do objetivo desejado; e monitorar os progressos do cliente, expondo os pontos positivos e negativos alcançados.

Nesta perspectiva acrescenta-se a importância de conhecer o indivíduo e sua história ambiental para qual este método terapêutico será aplicado e quais condições possíveis para execução. Tendo em vista que a diferença está na forma que o método é realizado, de acordo com as vivências de cada indivíduo, e não apenas seguir o método fielmente como apresentado nas literaturas e estudos. Com isso, pontuar-se-á no tópico seguinte questionamentos pertinentes sobre os limites de aplicação.

3.4. Uso de Substâncias Psicoativas e Vulnerabilidade Social

Observando que as drogas podem causar diversos efeitos a partir da sua funcionalidade, algumas possuem finalidades terapêuticas, compondo parte de um medicamento; outras com uso recreativo, alteram o SNC, modificando os comportamentos e produzindo sensação de prazer; ademais, para melhor entendimento, necessário considerar os critérios diante do uso das drogas lícitas ou ilícitas, como os padrões de uso, a quantidade, grau e intensidade a ser consumida (MALBERGIER e AMARAL, 2013). Afinal, cada sujeito reagirá de formas distintas diante do uso, abuso e dependência química, pois apresentam contextos distintos. Além disso, esse consumo ganhou espaço nas condenações moral, social e jurídica nos últimos 100 anos.

Além dos processos comportamentais analisados na subseção anterior, há que se dizer mais. Em decorrência do uso de entorpecentes surgem diversos agravantes para o sujeito relacionados a fatores sociais, tais como econômicos, convívio familiar, evasão escolar, atos infracionais, dentre outros; fisiológicos, relacionados às alterações do Sistema Nervoso Central; e variações ambientais, que estão relacionadas ao sujeito e o seu meio de interação, possuindo propriedades reforçadoras e comportamentos de fuga e esquiva de emoções desagradáveis.

Levando em consideração as dimensões sociais em que os indivíduos estão



inseridos como dificuldade de acesso à renda básica, alimentação mínima, moradia precária, violências etc., situações nas quais os sujeitos estão submetidos às precariedades e poucas oportunidades, consistindo em fatores que caracterizam vulnerabilidade social. Em consonância com isso, diante de uma sociedade com várias diferenças, sendo elas financeiras, raciais, hierárquicas, nível de escolaridade, é importante buscarmos compreender como esse contexto de vulnerabilidade social é uma das variáveis para o início e permanência do uso de substâncias psicoativas, assim como dificulta o processo de redução desse uso.

Para adentrar na discussão, Oliveira et al (2020) apresentam como conceito de vulnerabilidade social condições em que os indivíduos ou grupos estão expostos às fragilidades e poucas oportunidades com relação ao desenvolvimento enquanto cidadãos. Essas situações estão relacionadas em muitos casos a fatores socioeconômicos como: poucos recursos financeiros, condições precárias de moradia e educação, ausência de lazeres etc.

Contudo, ao falarmos de vulnerabilidade social e o uso de entorpecentes precisamos lembrar que estar em um contexto vulnerável não é determinante para o uso, abuso ou dependência de drogas, porém, essa variável ambiental deve ser observada diante da conjuntura. Dessa forma, como os contextos de vulnerabilidade social podem ser influenciáveis para o uso de entorpecentes e, como apresentar novos estímulos através do tratamento por Manejo de Contingências pode ser eficaz?

Considerando o processo de interação do organismo e ambiente, parte-se do pressuposto da história ambiental do indivíduo, que segundo Banaco (2013) para além do processo fisiológico é necessário observar os comportamentos do indivíduo que faz uso de entorpecentes. Afinal, condições presentes nas variáveis ambientais podem vir a determinar o consumo exagerado de drogas. Isso porque dentro desse contexto, os sujeitos enfrentam eventos desagradáveis, tornando mais alta a probabilidade do comportamento de usar drogas ser prazeroso mediante exposição aos estímulos ambientais.

Em contrapartida, também é importante ressaltar que drogas psicoativas têm por si só reforçadores naturais, produzindo de imediato sensações agradáveis, assim como tem função de reforçador positivo quando consumida entre amigos para descontrair e se



socializar com mais facilidade. Por isso, é fundamental compreender as contingências que produzem e mantêm a frequência do uso, abuso ou dependência. Visto que os indivíduos até apresentam padrões de uso semelhantes, porém, a função que as ações possuem, partindo dos eventos antecedentes e das consequências reforçadoras, é o que explica o processo de aprendizado do uso (BORLOTI; HAYDU e MACHADO, 2015).

Deve-se, pois, considerar as atitudes produzidas pelos indivíduos observando as situações em que levam a emissão do comportamento de ingerir droga e qual função que o condiciona. Importante salientar que para além dos efeitos prazerosos, fatores ambientais aversivos, grupo em que ocorre o consumo, ações relacionadas às vivências e experiências podem vir a ser prováveis para a manutenção do uso, abuso e dependência. Para Oliveira et al (2020) os indivíduos que acessam com maior dificuldade as condições de direitos, deveres e bem-estar comparado a outros grupos sociais, tendem a apresentar em seu repertório comportamental ações apontadas como desaprovada pela comunidade verbal.

Vale enfatizar que pobreza não é definição para vulnerabilidade social e nem ao menos é determinante para uso, abuso e dependência de entorpecentes (OLIVEIRA et al, 2020). Porém, segundo Miguel (2011) quanto menor forem as possibilidades de escolhas e quanto mais aversivas forem as contingências, maior será a probabilidade de o indivíduo continuar a ingerir substâncias lícitas ou ilícitas; pois está relacionada à privação de outros reforçadores e às necessidades ligadas ao ambiente social que não foram atendidas.

Embora os reforçadores arbitrários encontrem-se em maior evidência nos estudos em Manejo de Contingência, é importante citar o Tratamento por Reforçamento Comunitário (TRC). Caracteriza-se por buscar junto ao indivíduo desenvolver reforçadores fortes e opostos às ações de consumir substâncias psicoativas, visando ampliar o comportamento com novas práticas (MIGUEL, 2011). Diversas atividades podem ser executadas no TRC, como por exemplo, incluindo a família, os amigos, momentos de lazer, treinando habilidades sociais, capacitações profissionais etc.

Subjacente ao Behaviorismo Radical está a noção de que o comportamento humano é construído e entrelaçado à história ambiental do indivíduo e comunidade, pois



ao nascermos já estamos inseridos em uma sociedade que possui regras, costumes, valores morais etc. Essas ações passam a ser vistas como formas para determinar os grupos sociais, por isso, é necessário entender tais práticas culturais atuais e históricas que compõe o comportamento. Assim, ao decorrer do tempo, o indivíduo que está em situação de dependência química traz consigo uma série de julgamentos impostos pela comunidade verbal. Como apontado acima, as condições vulneráveis se encontram ligadas aos fatores socioeconômicos. Diante disso, ao mencionar “ausência de reforçadores” deve-se lembrar a importância de conhecer as realidades, quais reforçadores naturais e arbitrários fazem parte da história experiencial do indivíduo, quais condições os sujeitos estão expostos, o percurso que impossibilita novos comportamentos, dentre outros. Introduzir novos estímulos concorrentes ao de consumir substâncias não é fácil, ainda mais quando os efeitos das drogas são mais positivos que as situações ambientais.

Essas são as realidades das regiões periféricas. Isto nos mostra um cotidiano com muitas precariedades: violências das mais diversas; rendas familiares que advém de empregos informais; nenhuma reserva financeira; pouco ou nenhum acesso a saneamento básico; não possuem hábitos de vida saudáveis porque as condições para sobreviver são outras. Diversas são as produções artísticas, jornalísticas e literárias que nos apresentam a realidade deste público que, para usufruir de uma vida melhor com menos miséria e um pouco mais de conforto, acabam buscando atalhos, incorrendo principalmente na criminalidade. Estar em contato com os traficantes, por exemplo, gera situações de prazer e autoconfiança, amplia os momentos de lazer interliga o acesso as festas luxuosas, possibilitando desenvolver habilidades sociais que em outro momento, talvez, não fosse oferecido espaço de crescimento e autonomia.

A partir das regras morais instaladas pela comunidade verbal, padrões comportamentais designados como corretos são construídos. Quando essas ações não se apresentam de formas desejáveis ocorre uma intervenção direta ou indiretamente da comunidade, classificando o que se chamam de certo e errado socialmente (LANE, 2006). Com relação ao uso de drogas, os discursos são reproduzidos frequentemente como sendo algo ruim, marginalizado, destruidor etc. Contudo, o grande problema não é consumir substâncias psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas, o problema é a dependência que a



substância pode vir a desenvolver no sujeito (BRITTO et al, 2012).

Com base na literatura utilizada, é possível perceber que devido às imensas críticas moralistas levantadas a respeito do uso de entorpecentes, esses indivíduos que fazem uso de forma excedente começam a apresentar em seu repertório comportamental atitudes de isolamentos, inferioridade às demais pessoas, dentre outras. Por essa razão, planejar situações que contribuam para o processo de redução do uso a partir da análise das contingências e não simplesmente apelando à esfera moral é necessário, pois possibilita identificar quais conjunturas fazem parte do ambiente social do sujeito e a sua função; e, principalmente, perceber quais ações presentes na cultura e na ontogenia do indivíduo podem vir a ser prazerosas, visando reforçá-los e inseri-los como novos padrões no repertório do indivíduo.

Contudo, importante ressaltar que não é uma atividade fácil, sobretudo porque nos deparamos com situações extremamente aversivas e complexas, em que o indivíduo não consegue visualizar, sem auxílio, outras oportunidades favoráveis diante das diversas dificuldades enfrentadas em seu ambiente social.

4 Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar como os processos respondentes e operantes são indispensáveis para compreender o uso, abuso e dependência química, assim como os aspectos fisiológicos, individuais e sociais. Pôde-se observar que são vários os fatores que tornam mais prováveis o uso, abuso e dependência de drogas psicoativas. Por isso, esse consumo não é causado meramente apenas pelas substâncias, e que, considerar os contextos sociais é fundamental, principalmente para elaborar intervenções funcionais e efetivas para cada indivíduo, que apresenta perspectivas a partir das condições de prazeres e sobrevivência. Atentando-se ao fato que os indivíduos ao consumir qualquer substância, sejam elas lícitas ou ilícitas, não é exclusivamente pela topografia do comportamento, mas sim as funções que mantém a ação. Podendo ser diversas as formas, como por exemplo, finalidades curativas, obter prazer, para permanecer acordado, aliviar sentimentos tidos como eventos privados



(angústia, tristeza etc.).

Nesse sentido, a técnica terapêutica do Manejo de Contingências como alternativa de intervenção em reduzir o uso de substâncias psicoativas podem sim ser eficaz. Entretanto esta pesquisa mostrou que os estudos disponíveis além de serem recentes, possuem poucas publicações em português, o que reverbera no fato de a aplicação no Brasil ainda ser escassa e, talvez, desconhecida. Por conta disso, vale salientar que o Brasil adota como estratégia de enfrentamento ao uso de drogas psicoativas a política de saúde em Redução de Danos, buscando minimizar as consequências causadas ao organismo devido ao consumo (ARAÚJO e MOREIRA, 2008).

Sabe-se que para além das técnicas e métodos característicos do MC, é necessário conhecer o sujeito e as contingências que controlam o uso, abuso e dependência química, assim como analisar se este método terá a mesma eficiência de quando é aplicado no Estados Unidos, por exemplo. A inexistência de investimentos, alto valor de custos e a busca imediata por resultados faz com que não se tenha uma adaptação dos métodos para cada realidade e indivíduo, dificultando o processo para redução do uso de drogas psicoativas.

Além disso, considerando os reforçadores naturais, é fundamental apontar alguns pontos relevantes antes de sua aplicação. Primeiro, o acolhimento dos profissionais com esses sujeitos, pois eles trazem consigo uma carga de estereótipo, geralmente preconceituosos, afastando-os de muitas atividades de cunho social; segundo, é necessário conhecer como o indivíduo identifica essas pessoas ao seu redor, afinal de contas a família pode ser um estímulo aversivo, assim como se recomenda pensar também em práticas que restabeleçam as relações, fortalecendo os vínculos, observando as condições que as habilidades sociais e até profissionais irão ser produzidas.

Por fim, em terceiro lugar, os profissionais da psicologia que buscam ajudar no desenvolvimento da autonomia desses indivíduos que fazem uso de substâncias devem, a princípio, ter uma boa resistência à frustração, levando em consideração as contingências presentes no ambiente, que podem vir a tornar estes indivíduos vulneráveis ao fenômeno da recaída, pois eles permanecem em seu ambiente usual de consumir



substâncias, enfrentando o processo de síndrome de abstinência.

Referências

- ACearáCAST 11: Dependência Química. Entrevistada: Denise Vilas Boas. Entrevistadores: Yan Valderlon; Umbelino Neto e Odilon Duarte. Fortaleza, 16 jul. 2020. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/acearacast/retro-acearacast-ep11-dependencia-quimica>. Acessado em: 20 fevereiro de 2021.
- ARAÚJO, M. A. P. e MOREIRA, F. G. Aspectos Históricos da Redução de Danos. In: NIEL, M. e SILVEIRA, D. X. da. **Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde**. São Paulo- SP. 2008. (p. 11-19).
- BANACO, R. A. Teoria Comportamental. In: ZANELATTO, N. A; LARANJEIRA, R. **O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, 2013 (p.131-151).
- BAUM, W.M. **Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2ºed. Porto Alegre- RS. Editora Artmed. 2008.
- BEHAVIORISTA, BOTEÇO. Dependência química e manejo de contingências. Youtube, ANO, MÊS E ANO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bsve5yBq18w>. Acessado em: 01 de março 2021.
- BENVENUTI, M. F. Condicionamento respondente: algumas implicações para o desenvolvimento de tolerância, síndrome de abstinência e *overdose*. In: ABREU, C. N. de; GUILHARDI, H. J. **Terapia comportamental e cognitiva-comportamental práticas clínicas**. São Paulo: Roca, 2004 (p.186-193).
- BENVENUTI, M. F. Uso de drogas, recaída e o papel do condicionamento respondente: possibilidades do trabalho do psicólogo em ambiente natural. In: ZAMIGNANI, D. R; KOVAC, R; VERMES, J. S. **A clínica de portas abertas: experiências e fundamentação do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório**. São Paulo: Paradigma, 2007 (p. 307-325).
- BITTENCOURT, A. L. P; FRANÇA, L. G; GOLDIM, J. R. Adolescência vulnerável. Fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Rev. Bioét.** v.23. n.2. p.311-319. 2015. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/bioet/a/LLkVPksnwdZLWZ5FycrXz6r/?format=pdf&lang=pt>.
Acessado em 30 de março de 2021.
- BORLOTI, E. B; HAYDU, V. B; MACHADO, A. R. Crack: Análise comportamental e exemplos das funções da dependência. **Rev. Acta Comportamentalia**. v.23. nº3. p.323-338. Espírito Santo- ES. 2015. Disponível em:



<https://biblat.unam.mx/hevila/Actacomportamentalia/2015/vol23/no3/7.pdf>. Acesso dia 29 de abril 2021.

BRITTO, I. A. G. de S. et al. Sobre o comportamento de consumir e depender de substâncias. *Rev. Teologia da Faculdade FAIFA*. v.4. n°1. p.01-14. Goiânia-GO. 2012. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai fae/article/view/56>. Acessado em 02 de abril de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed. São Paulo- SP. Editora Atlas S.A. 2010.

HIGGINS, S. T. Et al. Manejo de contingências. *In: HAYES, S. C; HOFMANN, S. G; tradução: ROSA, S. M. M. da. **Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos: ciências e competências clínicas***. Porto alegre: Artmed, 2020 (p.157-165).

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. **O que é Psicologia Social**. (Coleção Primeiros Passos, 39) São Paulo: Brasiliense. 2006.

LEÃO, M. de F. F. C; LAURENTI, C. Uma análise do modelo de explicação no behaviorismo radical: o estatuto do comportamento e a relação de dependência entre eventos. *Rev. Interação em Psicologia*. v.13. n.1. p. 165-174. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/12462/10495>. Acessado em 21 de abril de 2021.

MALBERGIER, A; AMARAL, R. A. do. **Dependência Química**. Curso de Capacitação em Dependência Química. UNA-SUS. Maranhão. 2013. Disponível em <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/2046/3/Mod%2003%20UNIDADE%2001.pdf>. Acesso em 4 de junho de 2021.

MARTONE, R. C.; ZAMIGNANI, D. R. Esquizofrenia: o que a Análise do Comportamento tem a dizer? *In: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B. P.; QUEIROZ, P. P.; SCOZ, M. C. (Orgs.). **Sobre Comportamento e Cognição: Contribuições para a Construção da Teoria do Comportamento***. v.10. Santo André/ SP: ESETec Editores Associados. 2002 (p.305-316).

MEYER, S. Análise Funcional do Comportamento. *In: COSTA, L. e SANT'ANNA. **Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição***. Santo André, SP: ESETec, 2004 (p.75-91).

MIGUEL, A. de Q. C. Manejo de Contingência. *In: DIEHL, A; CORDEIRO, D; LARANJEIRA, R. **Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas***. Porto Alegre: Artmed, 2011 (p.311-317).

MOREIRA, M. B; MEDEIROS, C. A. de. **Princípios Básicos da Análise do Comportamento**. 2ªed. Editora Artmed. 2019.



OLIVEIRA, P. C. et al. “Sobrevivendo”: vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. **Rev. Interface**. v.24. p. 1-18. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/ZcTPn95X5HZYsRFF4ScsTTR/?lang=pt&format=pdf>.

Acessado em 06 de maio de 2021.